



## REVISÃO HISTÓRICA DO CINEMA DE RUA EM NATAL– RN E AS POSSIBILIDADES DO *STREAMING*

Alessandro da Silva Maia <sup>1</sup>

Mary Land de Brito Silva <sup>2</sup>

Paulo Guilherme Muniz Cavalcanti da Cruz <sup>3</sup>

### RESUMO

A pesquisa bibliográfica sobre a revisão histórica do cinema de rua em Natal RN, faz parte do contexto da Cinemateca Potiguar, sediada no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte – IFRN, Campus Cidade Alta, Natal/RN. Realizou-se a análise quantitativa e qualitativa da história dos cinemas potiguares de rua pela revisão bibliográfica do trabalho com duas obras referenciais, “Écran Natalense, Capítulos da História do Cinema em Natal” e o “Claquete Potiguar: do Rio Grande do Norte”, onde encontra-se o capítulo “Iconografia dos cinemas do Northerio-grandense: resgate histórico das salas de cinema de Natal”. As obras contam a história do nascimento do cinema de rua natalense desde o ano de 1898 até o seu fim, em 2014, e seu impactos na distribuição e público. E ainda buscar compreender as possibilidades do cinema potiguar em um contexto da revolução das Tecnologias da Informação e comunicação, e utilizando o Sistema Gerenciador de Conteúdo – CMS, Wordpress para disponibilizar vídeo por demanda.

**Palavras-chave:** Cinema, Cinemateca Potiguar, Cinema de Rua, CMS Wordpress, *Streaming*.

### INTRODUÇÃO

O objetivo principal da pesquisa é entender a história dos cinemas de rua<sup>4</sup>, com a finalidade de dar condições de termos um desenho da realidade histórica do cinema em Natal, cujo referencial teórico possibilite compreender a história, como também subsidiar as perspectivas do cinema na era das novas Tecnologias da Informação e Comunicação, no que

1 Concluinte do Curso Superior de Tecnológico em Análise e Desenvolvimento de Sistemas da Universidade Potiguar – UNP, Professor da Escola Estadual de Tempo Integral Augusto Xavier de Gois -EETIAXG, Praia de Muriú, Ceará-Mirim, RN, atualmente é Professor Regente do Laboratório de Informática (Médio Integral), [maiafil@gmail.com](mailto:maiafil@gmail.com);

2 Mestre em Multimeios pelo Instituto de Artes da Universidade Estadual de Campinas – Unicamp, atualmente é professora de ensino básico, técnico e tecnológico do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte – IFRN, Campus Cidade Alta, Natal, RN atuando nos cursos de Multimídia (técnico) e Produção Cultural (superior), [mary.brito@ifrn.edu.br](mailto:mary.brito@ifrn.edu.br);

3 Mestre em Inovação em Tecnologias Educacionais no Instituto Metrópole Digital - UFRN, atualmente é professor de ensino básico, técnico e tecnológico do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte – IFRN, Campus Cidade Alta, Natal, RN, atuando nos cursos de Multimídia (técnico) e Produção Cultural (superior), [paulo.cruz@ifrn.edu.br](mailto:paulo.cruz@ifrn.edu.br).

4 Os cinemas de rua nesse artigo são considerados todas as exibições e exibidores constantes no referencial bibliográfico.



tange a preservação, publicação e visualização de audiovisuais potiguar, com sua realidade identitária, em rede mundial de computadores.

A revisão bibliográfica da história dos cinemas de rua em Natal – RN, aborda desde aquele abril de 1898, quando ocorreu a primeira exibição com um cinematógrafo<sup>5</sup> na cidade, a chegada e expansão dos cinemas de rua, a decadência e encerramento das atividades dos cinemas de rua até a shoppingnização dos cinemas.

Nesse novo cenário de cinemas em *shopping center*, é inusitada a oportunidade de exibição de filme da identidade, produção e iconografia potiguar, realidade que põe em risco a distribuição e exibição de filmes. Contexto histórico em que a Cinemateca Potiguar sediada no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte – IFRN, Campus Cidade Alta, Natal/RN, pode vir a gerar novas formas de pós-produção e incentivo a produção audiovisual não comercial e independente.

Nessa perspectiva apresentada é preciso lembrar do protagonismo da Cinemateca Potiguar que, como projeto de extensão do IFRN Campus Natal - Cidade Alta “reafirma o compromisso do campus com a classe artística da cidade de Natal” sendo mais um espaço para a difusão da cultura local surgindo “como lugar de contribuição na perspectiva da circulação do material audiovisual potiguar e nacional” (TRIGUEIRO & BRITO, 2016, p. 101).

Existe a função social e educativa que podem ser atingidas segundo Trigueiro & Brito afirmando, quando:

“além do viés de difusão e de busca pelo fortalecimento do cinema no Rio Grande do Norte, destaca-se também o compromisso da cinemateca com a educação por meio do apoio à produção cinematográfica, principalmente vinculado aos alunos do IFRN Cidade Alta, bem como pelo incentivo à democratização do acesso ao cinema pela comunidade externa. O contato das comunidades internas e externas do Instituto com a linguagem cinematográfica propicia o acionamento da função social e educativa do audiovisual com benefícios refletidos em diversas esferas.” (TRIGUEIRO & BRITO 2016, p.101-102)

5 Segundo o dicionário Michaelis, é o aparelho fotográfico e de projeção em tela, numa sequência rápida, cenas ou objetos em movimento, inventado no final do século XIX; animatógrafo. Em 27/08/2020 no endereço <http://michaelis.uol.com.br/busca?r=0&f=0&t=0&palavra=cinematografo>



Outro fator é que a Cinemateca Potiguar desde que criada “passa a atuar como elo entre os que querem mostrar seus filmes e aqueles que querem vê-los”, (TRIGUEIRO & BRITTO, 2016, p. 103).

Para alcançar os objetivos propostos, realizou-se a revisão bibliográfica buscando um levantamento histórico dos cinemas de rua, utilizando diferentes autores. No entanto, o livro de Anchieta Fernandes, *Écran natalense: capítulos da história do cinema de Natal/RN* e o livro organizado por Adriano Charles da Silva Cruz, Dênia de Fátima Cruz Skaff & Ruy Alkmim, *Claquete Potiguar: Experiências audiovisuais no Rio Grande do Norte*, principalmente no capítulo escrito por Nelson Marques, intitulado “*Iconografia dos cinemas do Rio Grande do Norte: resgate histórico das salas de cinema de Natal,*” foram priorizados, com os quais se traçou um caminho possível das exhibições de cinema e do cinema de rua na história de Natal, sua cronologia e resgate de dados e fatos históricos mencionados pelos autores supracitados.

Tendo em vista o surgimento da Internet e o desenvolvimento das Tecnologias da Informação e Comunicação, entende-se necessário buscar alternativas para democratização do acesso aos produtos culturais potiguares utilizando *streaming*<sup>6</sup> em tempos de Netflix, YouTube, entre diversos outros.

## METODOLOGIA

As metodologias utilizadas foram análise qualitativa e quantitativa da revisão bibliográfica das obras de FERNANDES (2016) e MARQUES (2007), apresentando coincidências, divergências e complementaridade. Além do estudo das possibilidades do futuro do cinema norte-riograndense na perspectiva das Novas Tecnologias da Informação e Comunicação. Ao mesmo tempo que foi realizada uma pesquisa experimental prática com a instalação de um Sistema de Gerenciamento de Conteúdos Wordpress em uma estação de trabalho offline planejada.

<sup>6</sup> Streaming se opõe a descarga de dados, o *download*, quando dividimos o conteúdo em diversos pacotes que informam o estado da chegada se correto ou errado, quando solicita o reenvio. O Streaming as informações são transmitidas em um fluxo que não verifica a chegada nem a condição de chegada das partes do arquivo, sendo um fluxo que não retorna se faltar um pedaço, gerando os conhecidos travamentos e ruídos das chamadas de Skype, WhatsApp e Messenger por exemplo.



## RESULTADOS E DISCUSSÃO

A pesquisa bibliográfica mapeou um total de quarenta cinemas de rua existentes em Natal desde 1898 até o ano de 2014, dos quais MARQUES (2016, p. 55 - 99) cita trinta e nove espaços de exibição, e FERNANDES (2007, 209 p.) cita vinte e três. Destes, vinte e dois espaços são os mesmos citados pelos dois autores, sendo que o Cine Teatro Carlos Gomes não consta da lista de MARQUES (2016), ao mesmo tempo MARQUES (2016) cita dezessete salas de exibição não citadas por FERNANDES (2007), conforme nome e ano de inauguração, citados a seguir: Alecrim Cinema (1918), Cinema Rio Branco (07 de outubro de 1923), Cinema Rex (18 de julho de 1936), Cinema Rival 1937), Cinema São João (década de 1950), Cine Potengi (até a década de 1950), Cine Poti (1960), Cine Panorama (1967), Cine-Bar (1981), Cine SESC (1981), Cinema 180 (1982, Cine Espacial (17 de outubro de 1981), Cine Moderno (sem data), Cine Popular (sem data), Cine São José (sem data), Cine Potiguar (sem data), Cine Carlitos (sem data). A história desses cinemas não serão tratadas, o trabalho dá preferência para os vinte e dois cinemas citados por ambos, e o Cine Teatro Carlos Gomes que foi tratado apenas por FERNANDES (2007, p. 46 - 71), que tem relevância na história, pela sua permanência como espaço de cultura até a atualidade.

As salas de exibição citadas, encontravam-se em suas devidas épocas, majoritariamente na Ribeira, totalizando onze, e as demais encontravam-se em diferentes bairros de Natal, sendo oito no Alecrim, sete na Cidade Alta e uma em cada uma dessas localidades: Quintas, Rocas, Tirol, Cadelaria, Lagoa Seca, Petrópolis, Lagoa Nova, estrada de Ponta Negra e o Cinema do Pátio da Feira que ficava no Passo da Pátria entre a Cidade Alta, Ribeira e o estuário Potengi/Jundiaí, e mais quatro cinemas não tem localização citada por nenhum dos autores. Com se observa, o complexo urbano Ribeira, alecrim e Cidade Alta são para Natal o que a Cinelândia é para o Rio de Janeiro, o berço do Cinema em Natal, pois 62,5% dos cinemas de rua natalenses encontravam-se nesses bairros.

A primeira exibição cinematográfica dos irmãos Auguste e Louis Lumière ocorreu em Paris no *Grand Café* em 28 de dezembro de 1895. Logo após sete meses da exibição em Paris chega ao Rio de Janeiro o primeiro cinematógrafo no Brasil (BESSA et al, 2011, p. 4). Já em



Natal, e provavelmente no RN, dois anos e quatro meses depois de Paris, foi a primeira apresentação, segundo FERNANDES (2007, p. 27-28). Esta apresentação tem origem em um sábado da primavera no dia 16 de abril de 1898, quando Nicolau Maria Parente exibiu filmes em seu cinematógrafo lumièreiano, em um depósito de açúcar na rua do comércio, atualmente conhecida como Rua Chile<sup>7</sup>. Este encerrou sua temporada em natal no mês seguinte, em 8 de maio, fazendo na ocasião apresentação especial de encerramento com novos filmes (2007, p.34). Complementa MARQUES (2016, p. 57) que em 30 de abril de 1898 o jornal A República, em comemoração ao evento, lança uma coluna de cinema cujo nome é “Cinematógrafo”. MARQUES (2016, p. 57).

Conforme SOUZA & RIBEIRO (2010, p. 824-825):

“Os primórdios do cinema trazem os *vaudevilles* como forma predominante de exibição, sobretudo entre 1895 e 1900, mas não podemos deixar de ressaltar a importante ação dos exibidores itinerantes”<sup>8</sup> (...) “Como ainda estava longe de ter uma forma definida, o cinema do início do século XX acabava por modelar-se as velhas e já estratificadas configurações de espetáculo. E vai permanecer oscilando entre as fronteiras do entretenimento, da arte e da técnica desde então.”

Em 1904 foi inaugurado a saga do que hoje se chama Teatro Alberto Maranhão, com o nome de Teatro Carlos Gomes. Em 14 abril de 1906, inclui em suas atividades a projeção de imagens em movimento utilizando o Bioscópio<sup>9</sup>, tendo em 25 de novembro do mesmo ano, inaugurado o Cinematógrafo Falante. Já em 21 de agosto de 1909, aparece na literatura como Cinema Natal onde vários produtores apresentaram suas obras. Em 13 de outubro de 1928, recebe o nome de “Cine Teatro Carlos Gomes” (FERNANDES, p. 46–67). MARQUES

7 A novidade do cinema era tão inusitada que segundo FERNANDES, em determinado evento “no momento em que o operador preparava as fitas no projetor, (...) todo mundo sentou-se nas cadeiras de frente para o projetor esperando o começo do espetáculo. Foi preciso o operador explicar que as cenas seriam vistas não no próprio aparelho e sim na parede em frente” (27- 28).

8 “Nestes inícios do Cine Alecrim” inaugurado em 1947 “foram apresentados em seus salões, além de filmes, *shows* com cantores, mágicos” e recitais da cultura local. (FERNANDES, 2007, p. 100)

9 Nome original Bioskop, inventado por Maximilian Skaladanowski, tinha função de colocar imagens em movimento como o cinematógrafo, porém as imagens eram tiradas individualmente e depois montadas em um filme (FERNANDES, p. 46 – 47, 2007).





(2016, p. 57) afirma que a maioria das apresentações do hoje Teatro Alberto Maranhão “ocorriam em geral, ao ar livre, ou recintos semifechados totalmente improvisados”.

FERNANDES (2007, p. 73) nos relata que a primeira casa exibidora de cinema pertenceu a Felinto Manso, na avenida Ulisses Caldas, depois existiu outro cinema de Antônio fontes, e ainda mais um no “pátio da feira”, ambos no ano de 1911, concomitantemente com o surgimento da energia elétrica e a circulação dos primeiros bondes elétricos.

O primeiro prédio que foi construído para ser utilizado especificamente como cinema, segundo FERNANDES, (2007, p. 74 - 75) foi o “Polytheama<sup>10</sup>”, cujo nome foi resultado de um concurso entre os leitores do Jornal a República, a pedido de “Gurgel & Paiva”, donos da nova casa de cinema, concedendo ao ganhador do concurso, um mês de entrada grátis no cinema. Esse foi inaugurando numa sexta-feira, final do outono em 08 de dezembro de 1911 (FERNANDES, 2007, p. 77-80). MARQUES (2016, p. 61) diz que o Polytheama “pode ser considerado o primeiro cinema “realmente” verdadeiro” (...) “que inovou” (...) “a usar o Kinetofone” mistura de projeção cinematográfica e equipamento sonoro.

Seguindo as referências, em “1913 foram inaugurados dois cinemas em Natal, “o Phaté Cinema de propriedade de Antônio Serrano, (...) na Av. Tavares de Lira inaugurado numa quarta-feira, 19 de fevereiro de 1913; e o sempre lembrado Royal Cinema de propriedade da firma Paiva & Irmão”, o primeiro cinema da Cidade Alta, ficando na esquina das ruas Vigário Bartolomeu e a Ulisses Caldas, inaugurado “numa segunda-feira 13 de outubro de 1913” (FERNANDES, p. 85-88).

O autor recorda um incêndio na cabine do Cinema Royal em 1936, momento em que declara que “durante muitos anos os dois cinemas – Polytheama - Royal – monopolizaram a exibição dos melhores filmes vindos das distribuidoras”, a curiosidade é que a maioria das vezes vinha uma única cópia do filme que era utilizada pelos dois cinemas, havia um menino responsável por levar a cópia do filme entre um cinema e outro, para que ocorressem as devidas sessões (FERNANDES, p. 88-89). Segundo MARQUES (2016, p. 60) o Cinema Royal funcionou até 1957 se tornando o então Armazém Vitória.

10 O Polytheama “dispõe de 3 salões, suntuosamente ornamentados, salientando-se o salão de bilhares cuja decoração é de magnífico efeito, espetáculos tem boas apresentações com frisas e camarotes” (p. 82).



Coube ao Cine-Teatro São Pedro, localizado na rua Amaro Barreto, Alecrim, a primeira exibição do cinema falado de Natal, no dia “08 de abril de 1931, uma quarta-feira”. A “casa de espetáculo era considerada na época o maior e mais confortável cinema do Rio Grande do Norte. (...) inaugurada na noite de natal de 1930. (...) tinha 700 lugares. Era propriedade da Empresa Medeiros & Cia., de Louro Medeiros” (FERNANDES, 2007, p. 97).

Antes do Cine-Teatro São Pedro, em 07 de outubro de 1923 foi inaugurado o Cine José Augusto no Alecrim. Pouco mais de uma década depois da inauguração do Cine-Teatro São Pedro, foi a vez do Cinema São Luiz “que foi chamado “Palácio Encantado” do Alecrim, inaugurado no dia 26 de outubro de 1946”. Encerrou suas atividades no dia 07 de março de 1974, tendo o prédio sido vendido para o Banco do Brasil (FERNANDES, 2007, p. 99).

O Cine Alecrim foi criado em 13 de setembro de 1947, um sábado, possuía 400 lugares e estava instalado na Praça Gentil Ferreira, tinha como proprietário o Sr. Cristóvão Bezerra (FERNANDES, 2007, p. 100).

A 20 de dezembro de 1958, inaugura-se o “Cine Nordeste da Cireda”, sendo o primeiro cinema a utilizar a tecnologia de “ar condicionado” (FERNANDES, 2007, p. 119).

O autor ainda cita que Palmyra Wanderley<sup>11</sup> informa a existência de um cinema tradicional que se chama São Sebastião, e o Cinema Paroquial, sendo que desse último derivou o “Cinema Olde que foi inaugurado no sábado de 17 de janeiro de 1970,” atualmente o Teatro Jesiel Fiqueredo (FERNANDES, 2007, p. 101).

Em 11 de fevereiro de 1949, surge o Cinema Rio Grande com o “Bispo Diocesano D. Marcolino Dantas” benzendo o cinema com inauguração oficial as 21 horas, com a presença de autoridades, jornalistas e radialistas e pessoas da sociedade natalense. O cinema utilizava “máquinas de projeção (equipamento RCA) para a sessão” (FERNANDES, 2007, p. 111).

Para o autor, “O cinema Rio Grande teve uma certa tradição de pioneirismo. Foi o cinema que introduziu filmes de terceira dimensão para o nosso público”, isso tudo realizado nos anos de 1950, sendo completamente novo não só na perspectiva de “ver filmes como se

<sup>11</sup> Palmyra Guimarães Wanderley (1894-1978) tem origem em uma família de intelectuais, sendo ela escritora, jornalista, educadora, feminista seus artigos tratam principalmente da condição e educação da mulher, <https://repositorio.ufrn.br/jspui/handle/123456789/14259> visitado em 27 de agosto de 2020.



estivéssemos dentro da ação”, como pela utilização de alta tecnologia com o “uso obrigatório de óculos de lentes bicolores” (FERNANDES, 2007, p. 112-113).

Segundo MARQUES (2016, p. 67-68) o Rio Grande chegou a “realizar festivais e lançar filmes norte-riograndense. Em 1981, a EMBRAFILME considerou este cinema como “sala especial”, classificação que permitia a exibição de “filmes difíceis ou eróticos”.

O cinema de rua ocupou um espaço crescente na vida das cidades até a década de 1970, como afirma RAMOS & SILVA (2014, p. 9), dos simples aos mais luxuosos o cinema de rua era espaço de encontro de pessoas que assistiam filme e movimentavam as calçadas frontais. Nestes “cinemas eram um verdadeiro acontecimento: o pipoqueiro na entrada, as enormes filas, a aglomeração na calçada. Coisas que os cinemas hoje não promovem”.

Em Natal, FERNANDES (2007, p. 90), destaca que Cine São Pedro “foi ponto de encontro de gerações”, e ao passar a exibir matinês, sua calçada se transformou em um mercado de troca de revistas em quadrinho, que segundo ele foi precursor dos sebos natalenses. CARVALHO apud MARQUES (2016, p. 61) apresenta o “Poly” nome dado ao picolé vendido no Polytheama que “fez a alegria dos natalenses até a década de 1930”.

Aos poucos a movimentação nos cinemas de rua foram diminuindo, o hábito e a satisfação de encontrar com amigos para uma conversa e assistir a um filme foi se modificando com as transformações ocorridas na sociedade. RAMOS & SILVA (2015, p. 9 – 11) considera que a introdução do consumo da programação televisiva, o videocassete, o DVD, locadoras, celular e a internet são alguns dos motivos do esvaziamento do cinema de rua. De acordo com dados da Embrafilme, no ano de 1974, “quando as pessoas ocupavam as salas de cinema 201.291.000 vezes” (...) “Em 1980, o total de expectadores era 164.744.000, mas em 1984 não ultrapassaram 89.939.000” (RAMOS & SILVA, 2015. p. 11), isso significa uma queda entre 1974 e 1984, de 55,32% e entre 1980 e 1984 de 45,42%, sendo que a maior redução de público da década, se deu nos primeiros quatro anos da década de 1980.

Em Natal do final da década de 1980, com a maioria dos cinemas de rua fechados, “o Rio Grande entrou em processo de decadência, fazendo com que o empresário Moacyr Maia tivesse a iniciativa de construir duas pequenas salas cinematográficas, o Rio Verde 1 e o Rio Verde 2”, salas construídas no espaço do Cinema Rio Grande, com confortáveis cadeiras para aproximadamente 200 pessoas cada, utilizavam alta tecnologia para a época com som *stereo*,





ar condicionado, reprodução utilizando lâmpadas de *chenon* (FERNANDES, 2007, p. 115 ).  
Afirmativa que corrobora MARQUES (2016, P. 68).

MARQUES (2016, p. 96) nos diz que o início da decadência do cinema de rua em Natal se dá a partir do ano de 1993, com a inauguração de salas de cinema no shopping. Note-se que são muitos os fatores que contribuem para a decadência do cinema. Segundo RAMOS & SILVA (2014, p. 46 ) dentre eles estão:

1) A Embrafilme extinta em 16 de março de 1990, retirando os filmes nacionais do circuito do cinema brasileiro, excluindo uma grande parcela do público popular que tinha interesse por esse gênero cinematográfico pátrio;

2) Em 1995 o Plano Real que ocasionou o aumento do preço do ingresso e por conseguinte, provocou a elitização do espectador de cinema;

3) A americanização do circuito exibidor, que instala salas multiplex que “é uma resposta da indústria do cinema à força do entretenimento caseiro”.

Na contemporaneidade o acesso ao audiovisual se modificou radicalmente, seja pela obsolescência das mídias, pela individualização dos processos de audiovisualização ou pelo processo de *shoppingnização* dos cinemas, “acabou excluindo grande parcela da população que foi ficando cada vez mais distante do audiovisual em virtude de entraves geográficos, econômicos e culturais”. (NUDELIMAN apud TRIGUEIRO & BRITO, 2016 p. 105-106).

O avanço das novas Tecnologias da Informação e Comunicação, a crescente popularização da internet a partir da década de 2000, foi relevante para transformação da forma de se ver filmes. Agora para assistir filme não se necessita mais, obrigatoriamente, da compra de uma mídia física ou ingresso. Os servidores de *streaming* enviam áudio e vídeo sincronizados em um fluxo contínuo que, permitem a quem acessa em rede mundial de computadores, utilizar um Sistema de Gerenciamento de Conteúdos para assistir filmes gratuitamente ou mediante assinatura.

A realidade aponta para uma situação desafiadora e instigante quanto a produção, pós-produção e guarda do patrimônio audiovisual potiguar, para assegurar que os produtos filmicos da cultura potiguar, seja coletado e disponibilizado na *Internet*, possibilitando buscas e exibição. Para manter a guarda de um acervo em segurança, é possível pesquisar a utilização



de vários serviços como: YouTube, Vimeo e armazenamento em nuvens, de preferência em forma simultânea em mais de uma rede, não dispensando a cópia de segurança em meio físico

Existem vários Sistemas de Gerenciamento de Conteúdos que permitem criar portais de visualização de filmes via *streaming*. O wordpress possui *plugins* gratuitos e pagos, que servem perfeitamente para construir um site para a distribuição de filmes no formato de *streaming* que podem ser utilizados para várias finalidades, por exemplo a criação de um portal livre de filmes potiguares que podem ter a seleção e liberação dos direitos autorais, pelos produtores via Edital, para o armazenamento e visualização gratuita cumprindo assim, um importante papel social de acesso a bens culturais locais.

Através do *streaming* é possível disponibilizar plataformas gratuitas ou pagas de vídeos, como exemplos temos: a Libreflix, que reúne vídeos independentes, com acesso gratuito; a Afroflix que disponibiliza vídeos que sejam assinados por pessoas negras pelo menos em uma área técnica/artística; Indioflix que é mantida pela ONG Índios nas Aldeias, disponibiliza vídeos produzidos por indígenas, A ONG ainda promove cursos de formação em produção de cinema para indígenas.

Nesse sentido, o *wordpress* foi testado utilizando um *plugin* demonstrativo pago, em um sistema de produção para *Internet offline* através de uma instalação LAMP que utiliza programas livres de código aberto. No caso, utilizou-se LINUX como sistema operacional; APACHE como servidor web, *MariaDB* como gerenciador de banco de dados; e PHP como linguagem de programação, sendo a configuração do nosso sistema de produção e controlado.

Em seguida instalamos o *Wordpress* e o *plugin* pago de demonstração configurado na sua forma mais simplificada, e obteve-se sucesso em replicar no *Wordpress* um servidor de *streaming* utilizando filmes previamente escolhidos já armazenados no *YouTube*, lincando-os com o sistema criado que permitiu utilizar várias funções com os filmes, como ordená-los, criar favoritos, pesquisar filmes e obviamente exibi-los como se armazenados no sistema estivessem. Ressaltamos a possibilidade do uso da plataforma para fins de pesquisa sobre as obras audiovisuais, as pessoas atuantes na cena audiovisual potiguar, mediante cadastro na plataforma, indicando qual função exerce quais obras que já participou.

Na inclusão dos filmes no Sistema de Gerenciamento de Dados do *Wordpress* possibilita a inserção de imagens para várias finalidades, por exemplo a pré-visualização,



galeria de imagens, bem como a inclusão de diversos textos informando direção, atores, equipe técnica, sinopse, descrição, entre outras.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O cinema de rua em Natal, tem praticamente a mesma idade da primeira exibição dos irmãos Lumière, pois o cinematógrafo se encontrava em Natal exibindo imagens pouco mais de dois anos após sua primeira apresentação no *Grand Café* em Paris, em 1895.

Com o seu surgimento, clímax e decadência, o cinema de rua acabou na sua forma original, existindo ainda em salas multiplex de *Shopping Centers*, que nada lembram o cinema de rua como ponto frequente de encontro de amigos e pessoas nas calçadas.

Os cinemas de rua chegaram a apresentar e difundir os produtores locais, mas acabou preterido pelo circuito internacional de cinema, sendo rara a oportunidade de visualização do cinema nacional e potiguar, tanto nos tempos de cinema de rua, quando eram organizados alguns festivais, e mais difícil ainda, atualmente assistir filmes potiguares nas salas multiplex.

O avanço da *Internet*, do sistema de *streaming*, juntamente o Sistema de Gerenciamento de Conteúdos pode ser considerado como um renascimento do cinema de rua nas infovias, com a devida readequação social devido a sua capacidade de ser acessado em Rede Mundial de Computadores, com as mídias digitais de sua preferência, seja *smartphone*, *tablet*, televisão e computadores, todos acessando o mesmo cinema na rede, com sua diversidade de público e de interesses, com possibilidades de interação e comentários sobre as obras e até com “entrada franca” como o YouTube e Vímeo além de diversas outras plataformas de caráter local e regional.

Os testes que foram realizados em ambiente controlado, permitiram criar um sistema que serve para divulgação e publicação de *streaming* de áudio e vídeo, possibilitando a criação de novos portais de filmes, inclusive podendo ser utilizado para a divulgação da produção local e outros tipos de produções audiovisuais referentes à prática do fazer audiovisual.

Por fim salientamos que o fenômeno da utilização da internet torna o filme num bem cultural móvel, sendo provavelmente a principal característica da utilização da internet para



ver filmes, propiciando a democratização do acesso, pois a visualização pode se dar nos mais diversos tipos de equipamentos, desde smartphone, até a televisão digital de casa, com diversos recursos, podendo, de certa forma pausar o filme em um equipamento e dar continuidade em outro.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BESSA, M. FILHO, W. O. RIBEIRO, L. **Cinema, passagem a céu aberto: Novos ambientes patrimonializando o cinema.** Encontro Anual da ANPOCS. GT19 - *Memória social, museus e patrimônios: novas construções de sentidos e experiências de transdisciplinaridade.* MG, outubro, 2011. P. 31.

FERNANDES, A. **Écran natalense: Capítulos da história do cinema em Natal.** Natal: Editora Sebo Vermelho, 209 p. 2007.

IFRN. **Cinemateca Potiguar.** Natal: 2020. Disponível em: <<https://portal.ifrn.edu.br/campus/natalcidadealta/extensao/cinemateca-potiguar>> Acesso em: 17 de maio de 2020

MARQUES, N. **Iconografia dos cinemas do Rio Grande do Norte: resgate histórico das salas de cinema de Natal.** In: CRUZ, Adriano Charles da Silva; SKAFF, Dênia de Fátima Cruz; ROCHA FILHO, Ruy Alkmim (Org.). *Claquete Potiguar: Experiências audiovisuais no Rio Grande do Norte.* Natal: Máquina, 2016. p. 55 – 77.

AZEVEDO, F. F. de; QUEIROZ, T. A. N.. **As feiras livres e suas (contra)racionalidades: periodização e tendências a partir de Natal-RN-Brasil.** Biblio 3W. Revista Bibliográfica de Geografía y Ciencias Sociales. [En línea]. Barcelona: Universidad de Barcelona, 15 de enero de 2013, Vol. XVIII, nº 1009. <<http://www.ub.es/geocrit/b3w-1009.htm>>.

RAMOS, L. M. & SILVA N. I.. **Cinema de rua no rio de janeiro: chegando ao fim?.** PESQUISA & EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA, 2015, p. 58. . Disponível em: <<http://www.revista.universo.edu.br/>> Acesso em: 17 Ago. 2020.

SOUZA M.; RIBEIRO, L. **Nas ruas do cinema: por uma cartografia dos vestígios cinematográficos no espaço urbano do Rio de Janeiro.** Revista Extraprensa, v. 3, n. 3, p. 823-833, 2 dez. 2010.

TRIGUEIRO, V. Paula; BRITO, Mary Land. **Cinemateca potiguar e sua contribuição para formação de plateia.** In: CRUZ, Adriano Charles da Silva; SKAFF, Dênia de Fátima Cruz; ROCHA FILHO, Ruy Alkmim (Org.). *Claquete Potiguar: Experiências audiovisuais no Rio Grande do Norte.* Natal: Máquina, 2016. P. 101-111.